

# OS DEPENDENTES DE INTERNET NO BRASIL: REALIDADE OU MITO ENTRE OS UNIVERSITÁRIOS

## THE INTERNET ADDICTS IN BRAZIL: MYTH OR REALITY AMONG COLLEGE STUDENTS

Fabília de Oliveira<sup>1</sup>  
Kele Cristina Pasqualini<sup>2</sup>

1. Concluinte do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera de Bauru  
Av. João Lemos, 1495. Bairro Centro. Bariri/SP. Brasil. Cep 17250-000. Fones: (14) 3662-4296. (14) 99169-5678. e-mail: fabricianne2@hotmail.com.

2. Psicóloga Clínica Especialista em Psicanálise – Professora da Faculdade Anhanguera de Bauru  
Rua: Raja Gebara, 1-55. Vila Aviação. Bauru/SP. Brasil. CEP 17018-550. Fone: (14) 997718844. e-mail: kppsic@uol.com.br.

OLIVEIRA, Fabília de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

### RESUMO

A Dependência de *Internet* é um conceito que passou a ser aceito como um transtorno na última década, cujos sinais podem ser mascarados ou justificados, já que se trata de um avanço tecnológico. Porém, mesmo que essa dependência não cause lesão estrutural, a seriedade do transtorno reside no desequilíbrio de vida causado aos indivíduos acometidos. Apesar de tal transtorno ainda não ser considerado como patologia no Brasil, existem pesquisas constatando sua prevalência em diversas etnias, gêneros e culturas. O presente estudo procurou quantificar, dentre uma amostra de universitários, os que tinham propensão à dependência de *internet* ou mesmo a dependência já instalada; analisar a frequência de acessos às redes sociais e sua importância na vida do indivíduo; quantificar a proporção de indivíduos que a utilizam excessivamente; identificar a falta de controle na sua utilização e saliência; averiguar se há pensamentos

Recebido em: 02/06/2014  
Aceito em: 31/07/2014

de antecipação ao uso da *internet*; apontar a proporção de indivíduos que acabam abandonando a vida social e o trabalho devido à essa tecnologia. Para isso, utilizou-se do instrumento *Internet Addiction Test*, que foi elaborado para avaliar quais áreas da vida de um indivíduo podem ser afetadas por seu uso excessivo. A amostra consistiu em 200 universitários de diferentes cursos de uma mesma instituição de ensino superior. Os resultados demonstraram que 45,5% (n = 91) do total foram classificados como dependentes (leves e moderados), uma porcentagem quase quatro vezes maior do que a estimativa-padrão. Dentre esses, os sujeitos classificados como dependentes moderados são os que têm mais áreas de sua vida afetadas, como: atribuir o vazio e insignificância da vida sem *internet*, antecipação em redes sociais, manifestação de preocupações e alterações do humor e a preferência pela vida virtual à real.

**Palavras-Chave:** Dependência. Internet. Universitários. Redes Sociais.

## ABSTRACT

The Internet Addiction is a concept that came to be accepted as a disorder in the past decade, which signals can be masked or justified, since it is a technological breakthrough. However, even if this dependency does not cause structural damage, the seriousness of the disorder lies in the instability of life caused to affected individuals. Although this disorder is still not considered as pathology in Brazil, there is research noting its prevalence in different ethnic groups, genders and cultures. That study sought to quantify among a sample of college students who were prone to Internet addiction or dependency already installed; analyze the frequency of access to social networks and their importance in the individual's life; quantifying the proportion of individuals who use them excessively; identify the lack of control in use in its use and boss; ascertain whether there are thoughts of anticipation to use the internet; indicate the proportion of individuals who end up abandoning social life and work due to this technology. For this, we used the instrument internet Addiction Test, which was designed to assess which areas of an individual's life can be affected by its overuse. The sample consisted of 200 undergraduate students from the same college courses. The results showed that 45.5% (n = 91) were classified as the total dependent (mild to mode-

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

rate), almost four times higher than the normal percentage estimate. Among those, the individuals classified as moderately dependent are those that have most affected areas of your life such as: assign the emptiness and meaninglessness of life without internet, advances in social networks, expressions of concerns and mood changes, and a preference for virtual life the real.

**Keywords:** Internet > Addiction. Overuse. University. Social networks.

## INTRODUÇÃO

A *internet* (internet) é o maior conglomerado de redes de comunicações em escala mundial, a serviço de vários bilhões de usuários no mundo inteiro. Tal tecnologia possibilita, entre milhares de funções, a comunicação e a obtenção de informações. Entretanto, basta apenas alguns cliques para que uma tela inunde nossas mentes com miríades de conteúdos abastados, multifacetados, extasiantes, viciantes.

A *internet* é hoje o frenesi do momento, a coqueluche que avassala a humanidade. Segundo Carr (2011), tal tecnologia é uma continuação de tendências intelectuais que vem moldando vidas e pensamentos desde as primeiras invenções do mundo moderno no século XX. A diferença, porém, está na sensação de velocidade que seu uso propicia aos seus usuários. Para Zacharias (2005), esse sentimento de aceleração está se tornando uma característica das pessoas, que estão desenvolvendo certa tolerância à demora.

Entretanto, a diferença entre a *internet* e as primeiras tendências intelectuais não se esgotam em sua velocidade. Por meio dessa tecnologia, é possível que um sujeito experimente novas formas de si mesmo à custa de diferentes personas criadas pelos avatares em jogos, salas de bate-papo, redes sociais. O usuário pode habitar vários espaços e ter acesso a diferentes realidades, além de fazer recortes da sua própria realidade segundo o que lhe convém. Acontece então que, muitas vezes, o indivíduo se assemelha tanto as suas criações virtuais, como a percepção de si ou mesmo sua inserção em grupos e verdadeiras sociedades virtuais, que passa a sentir sua vida sem graça e vazia.

Quando vida social e o trabalho são prejudicados pelo uso excessivo da *internet*; o tempo de conexão aumenta e seus esforços para

reduzi-lo são em vão, podendo o indivíduo apresentar grande irritabilidade e/ou depressão, toma-se esses como alguns critérios de diagnóstico para dependência de *internet* apresentados por Abreu *et al.* (2013).

Esta pesquisa teve como objetivo primário quantificar dentre uma amostra de universitários os que tinham propensão à dependência de *internet* ou mesmo a dependência já instalada. Já os objetivos específicos foram analisar a frequência de acessos às redes sociais e sua importância na vida do indivíduo; quantificar a proporção de indivíduos que utilizam a *internet* excessivamente; identificar a falta de controle na utilização da *internet* e sua saliência; averiguar se há pensamentos de antecipação ao uso da *internet* e apontar a proporção de indivíduos que acabam abandonando a vida social e o trabalho por conta da *internet*. Para tal, utilizou-se do *Internet Addiction Test* (Teste de Dependência de Internet) como ferramenta primordial.

De fato, as tecnologias sempre alteraram e continuam a alterar a forma como o homem vive. O que pouco se sabe – mas muito se busca saber, é como e o quanto elas interferem positiva ou negativamente, consciente ou inconscientemente na vida das pessoas. A *internet*, efetivamente, é uma das tecnologias mais poderosas criadas pelo ser humano – senão a maior. E para citar Carr (2011, p. 131) “a *internet* não mudou nossos hábitos intelectuais contra a nossa vontade. Mas que elas os mudou, mudou.”

O que se pretende com este trabalho não é nem de longe afirmar ou insinuar que a *internet*, por si só, acarreta malefícios na vida das pessoas, mas sim, incentivar a conscientização individual e coletiva de que o risco de dependência existe e pode ser comprovado. Só depende da forma como se usa.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente há o levantamento da bibliografia acerca da *internet* no mundo e no Brasil, sobre as redes sociais e a dependência: sua caracterização e diagnóstico. Posteriormente o método aplicado, os resultados obtidos, a discussão desses, a conclusão do trabalho como um todo e, finalmente, as referências bibliográficas, seguidas do anexo contendo o IAT.

## O NASCIMENTO DA REDE

Foi em 1989 que nasceu o propósito da enorme mudança comportamental da espécie humana na atualidade: a *World Wide Web* (Rede Mundial de Computadores) ou *www*. Timothy John Berners-

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

-Lee, um físico britânico e cientista da computação deparou-se com o problema de perda de informações no CERN (*Conseil Européen pour La Recherche Nucléaire* - Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear), que organizava suas informações importantes hierarquicamente, um método que definitivamente restringia essas procuras. Com o intuito de melhorar esse método de pesquisa de informações, utilizou a forma padrão de hipertexto – texto em formato digital, agregado de outros conjuntos de informação em forma de blocos de textos, imagens ou sons – para que os outros cientistas também pudessem consultar as informações de forma mais acessível (BERNES-LEE, 1989).

A criação e revolucionária existência da *World Wide Web*, ou somente *Web*, evidencia o final da incompatibilidade entre sistemas de computadores, contudo, o potencial comercial logo foi percebido e, os sites que em 1993 eram 50, subiu para 200 em apenas dez meses (BERNES-LEE, 1996). De acordo com estatísticas publicadas pela empresa de segurança de *internet* Netcraft, em janeiro de 2014 existem no mundo cerca 861.379.152 de *sites* e, segundo pesquisa realizada pela empresa *Cisco Systems* em 2012 havia 2,3 bilhões de usuários de *internet*, cerca de 32% da população, sendo que em 2017 haverá cerca de 3,6 bilhões, ou seja, 48% da população projetada no mundo (CISCO SYSTEMS, 2012; NETCRAFT, 2014).

Atualmente, a *internet* está revolucionando a forma com que as pessoas se comunicam, se socializam, trocam informações e adquirem conhecimento, já que basta um toque de tela e alguns milésimos de segundos para ter acesso às informações. Conectado à rede, é possível enviar *e-mail* (correio eletrônico), participar de grupos de discussões, assistir filmes, escutar músicas, baixar arquivos, participar de cursos diversos – inclusive graduação; realizar compras, movimentar contas bancárias, reservar passagens de avião, de ônibus, comprar entradas de cinema, estudar, jogar, desenhar, fazer novos amigos, relacionar-se de diversas formas com outras pessoas entre outras milhares de funções.

O fenômeno humano hoje já não pode ser entendido se não considerar seu diálogo com a tecnologia, já que realidade humana é constantemente transformada por meio da tecnologia em todas as suas facetas. As tecnologias de informação e comunicação (TICs), mais precisamente a *internet*, não se limitam a ser ferramentas de comunicação, socialização e busca de informações como já mencionado, mas pode se afirmar que redes digitais é um campo de batalha onde se travam lutas pelos direitos humanos, diferentemente dos

meios de comunicação em massa que se caracterizam pela sua assimetria: um fala, muitos escutam. Um aparece, muitos contemplam (SILVEIRA, 2010).

Toda tecnologia é uma expressão da vontade humana. Através de nossas ferramentas, procuramos expandir o nosso poder e controle sobre as circunstâncias [...]. Nossas tecnologias podem ser classificadas, a grosso modo, conforme a forma como suplementam ou amplificam as nossas capacidades naturais (CARR, 2011, p. 69).

## A internet no Brasil

Um exemplo muito recente acerca da importância da *internet* entrelaçada à vida real no Brasil foram as manifestações ocorridas no ano 2013 pela redução das tarifas e a violência policial, gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais e indignação com a corrupção política em geral. Tais manifestações foram organizadas totalmente on-line, pelo *Facebook* e *Twitter*, o que mostra que a *internet* se transformou em um fórum de discussão, onde há um conjunto de pessoas interessadas em expressar suas opiniões a respeito do atual sistema político brasileiro. Durante as manifestações, muitas vezes, o que os veículos de mídia tradicionais divulgavam não correspondiam à realidade; portanto, a informação real era compartilhada entre os usuários, numa via de mão dupla, em que emissor e receptor do conteúdo se tratavam de pessoas comuns. A comunicação nas redes sociais acontece de uma forma em que as pessoas se sentem próximas, diferentemente do distanciamento criado pelos meios tradicionais (FATTORI, 2013).

No Brasil, a IAB Brasil (*Interactive Advertising Bureau*) é uma entidade que tem por um de seus objetivos compreender a audiência *online* do país, juntamente com a investigação da importância crescente da *internet* no cotidiano dos usuários brasileiros. Em 2013, em pesquisa realizada com membros de um painel on-line, descobriu-se que a *internet* é considerada o tipo mais importante de mídia, superando com grande margem a TV, jornais, revistas e rádio. A pesquisa ainda contemplou vários parâmetros, dentre eles: sete em cada dez pessoas usa regularmente a *internet* enquanto assiste TV e esse mesmo público, que é equiparável entre gêneros e idades, escolheria realizar uma atividade on-line vs. off-line com 15 minutos de tempo livre no dia. O público masculino tende a acessar mais a *internet* e a fazer mais atividades on-line via *smartphone* (telefone inteligente)

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

do que o público feminino. Os usuários brasileiros de *internet* estão ainda mais engajados em fazer compras on-line e o público mais jovem (abaixo de 35 anos de idade) tende a passar mais tempo em seus *smartphones* fazendo atividades diversas, tais como navegar, usar aplicativos, visitar *sites* (sítios) de redes sociais, além de serem mais propensos a comprar on-line a partir de seus aparelhos móveis (IAB BRASIL, 2013).

Essa cultura contemporânea brasileira passa a ser caracterizada pelo uso crescente de tecnologias nas mais diversas atividades. Para muitos, é impensável realizar atividades corriqueiras sem o auxílio de um equipamento eletrônico. Além disso, várias inovações tecnológicas estão nos deixando mais impacientes: desejamos, por exemplo, que atividades físicas acompanhem o ritmo das máquinas cibernéticas (ROCHA, 2009). Tanto que uma pessoa que não tem um telefone celular ou não utiliza um *e-mail* muitas vezes é vista como arcaica e obsoleta.

## O império das redes sociais

Desde os primórdios o ser humano se comunica. Seja pelas antigas inscrições nas cavernas, as primeiras escritas, a invenção do papel, logo depois o jornal, rádio, telefone, televisão, computador, *internet*. Atualmente, uma das formas mais utilizadas de se comunicar via *internet* é por meio das redes sociais. Esse tipo de mídia social tem o poder de aproximar pessoas conhecidas, criar novos laços de amizade ou românticos, reunir diferentes pessoas de diferentes lugares e culturas em grupos com objetivos comuns e, acima de tudo, compartilhar. Compartilhar interesses, opiniões, aptidões, curiosidades, gostos, afinidades, causas, individualidades.

É como afirma Carr (2011, p. 131) “gostamos de ficar em contato com amigos, familiares e colegas. Gostamos de nos sentir conectados – e odiamos nos sentir desconectados”. Segundo Young (1997), indivíduos podem estabelecer um grau elevado de familiaridade com pessoas em grupos virtuais, criando assim, um senso de comunidade. E nesse novo mundo, muitos buscam (e encontram) conselhos, companheirismo, compreensão, inspiração, pertencimento, romance.

De acordo com Sherry Turkle, pesquisadora sobre novas formas de telecomunicação e a interação no ciberespaço, quando as pessoas passam tempo em lugares virtuais, há uma necessidade ou

pressão, um desejo, por melhor dizer, de tornar absortas as divisas do real e do virtual. Para ela, uma comunidade virtual permite às pessoas exprimirem-se, de maneira mais livre, vários aspectos de si mesmas (CASALEGNO, 1999). Contudo, a mesma pesquisadora adverte:

Nas minhas pesquisas, acho que as pessoas descrevem as relações on-line com grande intensidade, grande força, grande importância. Mas quando se olha com atenção as conexões, não se vê nem onde nem como ocorrem tantas coisas ali. Esse fenômeno está ligado à noção de transferência em psicanálise. Projeta-se sentido, dá-se profundidade e consistência a uma relação, mas não pelo que é dito. [...]. Então, com frequência, pessoas vivem uma relação on-line como algo irresistível, mas quando olhamos a essência e a substância literal, encontramos algo completamente superficial (CASALEGNO, 1999, p. 122).

Na *internet*, em salas de bate-papo ou nas redes sociais, é sempre mais fácil se relacionar: os indivíduos podem criar diferentes imagens de si mesmo, já que não é necessário se expor visualmente; é possível pensar e repensar antes de escrever mensagens, diferentemente de uma conversa face a face, onde permeia a espontaneidade. Para Young (1997) muitos se sentem livres para expor seus verdadeiros sentimentos, sem medo de sentir-se rejeitado, confrontado ou julgado, já que é possível manter suas verdadeiras identidades mascaradas.

De acordo com o psicoterapeuta Michael Hausauer (2009, *apud* CARR, 2011, p. 164-165), adolescentes e jovens adultos têm um “enorme interesse em saber o que está acontecendo na vida de seus pares, somado a uma enorme ansiedade de estar dentro da roda”. Segundo Nagata *et al.* (2014) o tempo utilizado nas redes sociais e a vontade de se manter conectado são justificados pela busca do novo, no cérebro são conexões influenciadas pela ação de poderosos neurotransmissores, que liberam prazer relacionado à busca de novidades. A dopamina é o principal neurotransmissor ligado à experiência de prazer e, com relação à *internet*, classificam-se dois componentes intoxicantes: “o primeiro é a elevação da dopamina e o segundo é a intoxicação, na forma do desequilíbrio ou evitação no restante da vida da pessoa” (GREENFIELD, 2011, p. 171).

Para Caplan e High (2011) é possível explicar as relações sociais virtuais sob uma perspectiva hiperpessoal, pela qual afirma-se que tal comunicação é mais desejável, socialmente, do que tende-se a experienciar face a face. Além da possibilidade de revisar o texto a ser enviado, de forma com que fique perfeito aos olhos dos outros, mascarar ou editar estímulos indesejáveis e ao mesmo tempo exage-

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

rar estímulos preferidos, há também o circuito de *feedback* positivo, pelo qual os usuários refletem positivamente e concordam com alguma informação.

Um exemplo de *feedback* (retorno) positivo são as curtidas no *Facebook*: frequentemente, as pessoas esperam que seus *posts* (mensagens) sejam curtidos e comentados, sentindo-se felizes por isso. Foi o que comprovou uma pesquisa realizada com 79 estudantes da Universidade de Queensland, na Austrália: um grupo de universitários foi dividido e o grupo controle foi orientado a publicar um status no *Facebook* que os pesquisadores garantiram que teria zero curtidas ou comentários, tornando-se secretamente invisíveis ao público. O outro grupo publicou um status pelo qual receberiam inúmeras curtidas e comentários. Posteriormente, ao serem indagados sobre sua sensação de inclusão, pertencimento, autoestima, controle, sentido de existência, o grupo que experimentou mais interação no *Facebook* teve notas mais altas em todas as categorias (KOLODNY, 2014).

Segundo a perspectiva hiperpessoal ainda é possível argumentar que a facilidade e a segurança que os relacionamentos sociais mediados por computador proporcionam, podem atrair indivíduos com problemas psicossociais para esse tipo de interação (CAPLAN; HIGH *et al.*, 2011).

## Quando o abuso se torna dependência

Com tantos usos práticos da *internet*, é difícil aceitar que para além de tantos benefícios, existem também diversos malefícios, principalmente em seu uso descontrolado. Um deles se trata da Dependência de *Internet*, cujos sinais podem ser mascarados ou justificados, já que se trata de um avanço tecnológico da sociedade e não um aditivo propriamente dito. Contudo, a dependência da *internet* é um conceito que passou a ser aceito como um transtorno na última década e, assim como um alcoolista bebe para amortecer a dor, o dependente acessa a *internet* provavelmente como mesmo intuito, porém quando se desconectam, percebem que nada mudou (YOUNG, *et al.* 2011). A dependência é caracterizada por excesso de indulgência, tolerância, abstinência, fissura e perda de controle (WIDYANTO; MCMURRAN, 2004).

Viciados em internet tendem a ter depressão, ansiedade e problemas emocionais, portanto, usam a internet para atender às necessidades não satisfeitas. [...] Aqueles que sofrem de baixa autoestima, sentimentos de ina-

dequação, ou desaprovação frequentemente estão em maior risco para o desenvolvimento de uma identidade secreta online (YOUNG, 1997, p.8, tradução nossa).

Em 2008, a China foi o primeiro país no mundo a incluir o vício da *internet* como patologia real. Especialistas chineses têm desenvolvido várias técnicas para detectar cientificamente e lidar com a dependência da *internet*. Existe um pré-requisito de três condições necessárias nessa avaliação: 1. Sentir que é mais fácil se autorrealizar virtualmente que na vida real; 2. Experimentar disforia ou depressão sempre que o acesso à *internet* for interrompido ou deixar de funcionar; 3. Tentar esconder dos membros da família o tempo real de uso (YOUNG, *et al.*, 2011).

O mini documentário *Web Junkie* criado pelos diretores israelenses Shosh Shlam e Hilla Medalia, exhibe a forma do programa de reabilitação utilizado em um centro de tratamento de dependência de *internet* na China, próximo ao subúrbio de Beijing. São exibidos detalhes de como crianças e jovens são tratados como criminosos pela sociedade e como viciados pelas instituições. Nessa instituição se faz uso de tratamentos punitivos, como confinamento em solitária e sessões severas de reeducação de pensamento, com o intuito de trazer os internos de volta à realidade (SHOSH; HILLA, 2014).

Existem pesquisas sobre dependência de *internet* em diferentes culturas e, ao que parece, há prevalência da dependência em diversas etnias, gêneros e culturas. A *The World Unplugged* (Um Mundo “Desplugado”) foi uma pesquisa realizada pelo *International Center For Media And The Public Agenda* (Centro Internacional de Mídia e Agenda Pública) em 2010 com mil universitários de cinco continentes diferentes, representados pelos países Argentina, Chile, China, Líbano, México, Eslováquia, Uganda, Reino Unido e Estados Unidos. Após responderem questionário on-line *SurveyMonkey*®, que incluiu dados demográficos básicos, incluindo país de origem, a identidade racial, idade, sexo, identidade religiosa, bem como questões sobre a sua posse e uso de determinados dispositivos de mídia, foram convidados a executar a “árdua” tarefa de se comprometerem a não utilizar por 24 horas quaisquer meios de tecnologias de informação e comunicação, como *internet*, TV, rádio, revistas ou jornais, celular, música, filmes, jogos etc.

Passadas as 24 horas, os estudantes deveriam escrever sobre sua experiência em pelo menos 300 palavras. Os resultados foram surpreendentes: estudantes de todo o mundo usaram repetidamente o termo “vício” para falar sobre a sua dependência de mídia, assim,

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

os estudantes com base na China mencionaram que eles se sentiram “solitários”, “ansiosos”, “inquietos”, extremamente “chateados e até mesmo “loucos”. Estudantes em Eslováquia falaram sobre seu “nervosismo”, e observaram os seus sentimentos de “vazio”. Alunos com base no Reino Unido disseram que ficaram “inquietos” e que tiveram que lutar para baixar seus “impulsos de se conectar” e seu “pânico”. Os alunos em universidades dos EUA observaram que se sentiram “estressados” e “paranoicos” e que tinham adaptado contrações físicas como “girar” seus polegares. Alunos do México informaram que se sentiram “tristes” e “desesperados” (INTERNATIONAL CENTER FOR MEDIA AND THE PUBLIC AGENDA, 2010).

Nas próprias palavras dos estudantes, seguem alguns exemplos de comentários:

Eslováquia: “Eu estava literalmente olhando para a parede, porque do meu ponto de vista, isso é quase a única coisa que você pode fazer hoje em dia sem um PC, TV ou telefone celular” (SIC).

México: “Eu estava tão desesperado que, de repente eu percebi que eu estava fazendo sons estranhos com a minha boca e eu não tinha notado que o tempo que eu tinha começado a fazer isso ou quanto tempo eu estava fazendo” (SIC).

China: “Como questão de fato, eu estou bastante viciado em computador e da *internet*. Na esteira desta experiência, eu percebi que a mídia está se a espalhar como uma teia que me liga. Talvez antes de me tornar ciente disso, seus fios se enraizaram nos meus músculos, sangue, nervos e em todos os lugares” (SIC).

Reino Unido: “A mídia é minha droga, sem ela eu estaria perdido.... Eu sou um viciado. Eu não preciso de álcool, cocaína ou qualquer outra forma de descarrilamento da depravação social; eu só preciso da minha droga. Eu tive essa percepção um tanto horrível em cerca de 7h no domingo, 24 de outubro. Andei, eu ponderei o sentido da vida e, em seguida, entrei em pânico. Como eu poderia sobreviver 24 horas sem ele?” (SIC).

Entre as várias considerações do estudo as mais impressionantes são que estudantes de todos os continentes, literalmente, não poderiam imaginar como preencher suas horas vazias sem a mídia e relataram que especialmente os seus *smartphones* se tornaram uma extensão de si mesmos. Ficar sem os meios de comunicação, portanto, fez parecer que eles haviam perdido parte de seus corpos e mentes.

Segundo Dal Cin (2013, p. 42) “[...]a simbiose da carne com o silício efetiva os ideais subtendidos do sujeito, ao manifestar seus

desejos, surge uma interface do virtual e do não virtual, através das interconexões com computadores, celulares, jogos e outros”. E ainda, para Rocha (2009), as novas tecnologias nos transformam em sujeitos cada vez mais hipercontrolados, característica típica das sociedades de controle, que monitora tudo e todos.

Os fluxos tecnológicos nos perpassam permanentemente e, utilizando-nos de tais fluxos, nos tornamos fluidos, difusos, moleculares, modulares, ínfimos, controláveis. Da força física à câmara invisível, continuamos, portanto, constantemente controlados (ROCHA, 2009, p. 14).

## Dependência de celular

A dependência de celular ou *smartphone* é nomeada de nomofobia, termo derivado da expressão inglesa *no mobile phobia*, caracterizada por ansiedade excessiva das pessoas quando estão distantes tanto de seus celulares como de qualquer outro aparelho móvel que os mantém conectados. Atualmente, o aparelho celular possui inúmeras funções e aplicativos diversos, assemelhando-se mais a um portal pessoal do que um aparelho telefônico. No entanto, a maioria das pessoas utilizam essa tecnologia de maneira desenfreada, tanto adultos como crianças, a ponto de ser oferecido pelos pais para acalmar seus bebês mais do que mamadeira e chupeta (ABREU, *et al.*, 2011).

Recentemente, uma pesquisa da Universidade da Califórnia, publicada na revista *Computers in Human Behaviour*, indicou que o uso exagerado de equipamentos digitais pode atrapalhar a capacidade de crianças em reconhecer emoções de outras pessoas. No início do estudo, grupos controle e experimental tiveram avaliados a capacidade de reconhecer emoções por meio de fotos e vídeos. Depois de cinco dias sem acesso às tecnologias, o grupo experimental teve uma melhora significativa nesta capacidade, diferentemente do grupo controle (BBC BRASIL, 2014).

Estima-se que pessoas extrovertidas são mais propensas à essa dependência, porém, mais estudos são necessários. Os autores Brown e Griffiths e Hunt (1993; 1998; *apud* ABREU, *et al.*, 2011) utilizaram uma classificação diagnóstica – aqui adaptada por Abreu – para a dependência de celular que consiste em seis critérios: saliência cognitiva, quando o uso do celular domina pensamentos e comportamentos; alteração do humor, euforia ou alívio de curto prazo ao utilizar o aparelho; tolerância, que é o aumento do tempo de uso para gerar o mesmo prazer; sintomas de abstinência, desconforto gerado

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

pelo não uso; conflito, com pessoas com que convive, ambiente escolar ou no trabalho; recaída, que são as tentativas mal sucedidas de diminuição do uso.

É claro que não se pode classificar o celular como vilão da história. Muito pelo contrário, desde a sua criação em 1977, incontáveis benefícios evolucionários surgem por meio do seu uso, graças a sua mobilidade. O celular hoje pode ser considerado “uma das maiores e mais convenientes invenções tecnológicas, sendo apenas comparada à criação da *internet*” (ABREU, *et al.*, 2011, p. 105).

A diferença é que hoje essa tecnologia deixou de ser um instrumento de comunicação apenas, cedendo lugar às mídias nele contidas. Uma delas é o *WhatsApp*, um aplicativo de mensagens que não deixa de ser uma rede social móvel. Segundo Setti e Matsuura (2014) jovens recorrem ao aplicativo por considerá-lo útil, substituindo mensagens *Short Message Service* (Serviço de Mensagem Curta) ou SMS, consideradas caras e limitadas. Seu aspecto social também aparece na possibilidade de formar grupos com dezenas de contato para resolver situações práticas, acreditam eles.

Entretanto, em março de 2014 foi diagnosticado o primeiro caso de “*WhatsAppitis*”, assim chamado por uma médica espanhola. A paciente apresentava dor súbita no punho bilateral e tendinite no polegar. A doença foi assim diagnosticada por conta da paciente ter respondido mensagens em um dia anterior de seu *smartphone* via *WhatsApp* por pelo menos seis horas (FERNÁNDEZ-GUERRERO, 2014).

Até a gigante Coca-Cola®, por meio de um vídeo lançado em fevereiro de 2014, utilizando-se de ironia, lançou uma solução para esse abuso dos *smartphones*: o chamado *Social Media Guard*, que não passa de um colar elizabetano (objeto em forma de cone utilizado em pós-operatórios de animais), mas em tamanho proporcional aos humanos. No vídeo, observa-se pessoas procurando imagens de natureza quando se está em volta dela, jantares e almoços em família regados à companhia do *smartphone* em detrimento de quem realmente está ao lado, o hábito universal de fotografar os alimentos e postá-los nas redes sociais, entre outros comportamentos tão comuns hoje em qualquer sociedade. O uso do cone impede que as pessoas olhem para seus *smartphones*, percebendo a riqueza de detalhes que o mundo em volta proporciona. No momento em que se coloca o cone inicia-se a música *Also sprach Zarathustra* de Richard Strauss, como referência a uma das cenas mais marcantes da história do cinema que foi o filme 2001: Uma odisseia no espaço, quando o macaco descobre o poder da ferramenta (COCA-COLA, 2014).

Entre as situações relatadas, o que fica explícito é a eterna conectividade. Relações afetivas muitas vezes são trocadas somente entre polegares. Por ser um assunto tão recente, totalmente interligado à essa nossa era digital, bem pouco se sabe a respeito da superação dos benefícios aos riscos. O que se pode afirmar é que usuários excessivos ficam imersos aos conteúdos em seus celulares, além de possuírem dificuldade em controlar o tempo gasto com eles (ABREU, *et al.*, 2011). Segundo Carr (2011, p. 164) “quando estamos conectados, frequentemente estamos desligados de tudo o mais que está ocorrendo ao nosso redor”.

## DEPENDÊNCIA DE *INTERNET* PARA A PSICOLOGIA

Várias teorias tentam explicar as causas da dependência da *internet*, entre elas a teoria da compensação, proposta pelo Instituto de Psicologia da Academia Chinesa de Ciências, supõe que os jovens procuram nas atividades virtuais uma compensação para a autoidentidade, autoestima e rede social, já que virtualmente, o indivíduo pode criar uma rede social de novos relacionamentos, adquirindo assim, um sentimento de comunidade. E na medida que esse usuário vai se arraigando às possibilidades de lhe compensar o que falta na vida real, como conversação para obter companhia, conselhos, entendimentos e romance, o mundo físico vai ficando cada vez mais longe (YOUNG, *et al.*, 2011).

A partir do modelo cognitivo-comportamental, Davis (2001, apud YOUNG, *et al.*, 2011) conceitualiza o uso patológico de *internet* como um padrão distinto de cognições e comportamentos relacionados à *internet* que resultam em consequências negativas para a vida, ou seja, é algo que vai além de uma dependência comportamental. O mesmo autor alega ainda que mesmo se o indivíduo não tivesse contato com a *internet*, esses transtornos se manifestariam de outra forma patológica.

Caplan (2002) argumenta que a dependência da *internet* apresenta os componentes centrais da dependência: saliência, modificação do humor, tolerância, abstinência, conflito e recaída. Sugere também que o uso excessivo da *internet* é um modo de se esquivar de sentimentos perturbadores.

Segundo Young (1998, apud ABREU *et al.*, 2011), para que se diagnostique a dependência, é necessário que o indivíduo apresente

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

cinco dos oito critérios propostos, que são: preocupação excessiva com a *internet*; necessidade de aumentar o tempo conectado para ter a mesma satisfação; exibir esforços repetidos para diminuir o tempo de uso da *internet*; apresentar irritabilidade e/ou depressão; quando o uso da *internet* é restringido, apresentar labilidade emocional; permanecer mais tempo conectado do que o programado; ter o trabalho e as relações familiares e sociais em risco pelo uso excessivo; mentir aos outros a respeito da quantidade de horas conectado à *internet*.

Em sua pesquisa, Batista (2011) descobriu, na própria percepção dos dependentes de *internet* que o vício afetava a qualidade de vida, no diz respeito aos domínios físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade. E mesmo que tal dependência não seja capaz de causar lesão estrutural, como os aditivos drogas e álcool, “a maioria dos efeitos prejudiciais se deve aos desequilíbrios criados pelo tempo excessivo gasto com a tecnologia” (GREENFIELD, 2011, p. 172).

No que tange à avaliação e mensuração da dependência acima descrita, vários instrumentos são utilizados para avaliação, porém, o *Internet Addiction Test* ainda é o mais utilizado (CONTI *et al.*, 2012). O IAT foi validado em vários países como Itália, França, Turquia, Estados Unidos, Brasil, Chipre e mais recentemente no Líbano (FERRARO *et al.*, 2007; KHAZAAL *et al.*, 2008; KESICI & SAHIN, 2010; JELENCHICK, BECKER & MORENO, 2012; CONTI *et al.*, 2012; PANAYIDES & WALKER, 2012; HAWI, 2013; *apud* PONTES, 2013). A versão alemã do IAT também apresentou boas propriedades psicométricas em suas versões *online* e *off-line* (BARKE, NYENHUIS & KRÖNER-HERWIG, 2012). A Grécia empregou o IAT mesmo não sendo oficialmente validado para utilização em populações de língua grega (FISOUN, 2012).

Conti *et al.* (2012) apresentou um processo de adaptação transcultural do *Internet Addiction Test*, incluindo sua tradução para a língua portuguesa, avaliação de sua equivalência semântica e análise de sua consistência interna. O teste cobre o grau em que o uso da internet afeta sua rotina diária, a vida social, produtividade, padrão de sono e sentimentos.

## MÉTODO

Do ponto de vista da sua natureza, essa é uma pesquisa aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática diri-

gidos à solução de problemas específicos. Quanto à forma de abordagem do problema, é quantitativa, já que procurou traduzir em números as informações para classificá-las e analisá-las. Utilizou-se do uso de recursos e de técnicas estatísticas, como percentagem, média, mediana e desvio padrão. Para atingir os objetivos propostos, se classifica como uma pesquisa descritiva, à medida que procurou determinar características em comum de subgrupos da amostra. Quanto aos procedimentos técnicos, utilizou-se do levantamento, já que envolveu a interrogação direta de indivíduos.

## Procedimento ético

O projeto da pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sendo o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 32443914.0.0000.5493. No dia da aplicação do teste, todos os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o instrumento foi aplicado somente após a explicação acerca dos objetivos e critérios sigilosos da pesquisa.

## Sujeitos e local

Participaram da pesquisa 200 estudantes universitários de ambos os sexos, com idade entre 18 e 50 anos, sendo que a idade média foi de 24,8 (DP = 6,4). O gênero feminino compreendeu 62,5% (n = 125) da amostra, enquanto o masculino abarcou 37,5% (n = 75). Os cursos foram determinados conforme a possibilidade de datas e horários em concordância com as da pesquisadora. Posterior às medidas de consentimento devidamente assinadas por parte do diretor da instituição de ensino superior, o contato se deu entre a pesquisadora responsável (professora orientadora) e os orientadores dos cursos. Os cursos escolhidos foram: fisioterapia, psicologia, educação física e enfermagem.

A pesquisa foi realizada nas salas de aula da Faculdade Anhanguera de Bauru, durante uma pausa nas aulas previamente combinadas com os professores de cada curso. O processo da coleta foi realizado em três dias.

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

## Materiais e instrumentos

O instrumento utilizado na pesquisa foi o IAT (Anexo A), que consiste em 20 itens de autoperenchimento com as respostas dadas em uma escala Likert de pontos, variando de 1 (raramente) a 5 (sempre), além do item 0 (não se aplica). Quanto maior sua pontuação, maior o grau de severidade da dependência.

O teste foi elaborado para avaliar quais áreas da vida de um indivíduo pode ser afetada por seu uso excessivo da internet. Seu estudo original elaborado por Widyanto e McMurrin (2004) apresentou a análise fatorial, a consistência interna e as correlações das seis subescalas relacionando-as à idade e ao uso da internet. Esses incluíam: saliência (itens 10, 12, 13, 15, 19), uso excessivo (itens 1, 2, 14, 18, 20), abandono do trabalho (itens 6, 8, 9), antecipação (itens 7, 11), falta de controle (itens 5, 16 e 17) e abandono da vida social (itens 3 e 4) (CONTI, et al., 2012). Além das 20 questões, constou também uma breve identificação, compreendendo sexo, idade, nome e *e-mail*. Os itens nome e *e-mail* eram optativos para quem quisesse obter o resultado via *e-mail* pela pesquisadora. Ninguém se recusou a fazer e 33% (n = 66) anotou o *e-mail* para que obtivessem o *feedback* da pesquisa.

## Procedimentos de coleta e análise de dados

Foram aplicados 223 questionários, contudo, 200 foram considerados válidos. A aplicação demorou aproximadamente 15 minutos por sala. Não houve intercorrências.

A análise dos dados consistiu na quantificação do teste, que compreende uma pontuação de 0 a 100, pelo qual classifica-se como usuário normal os que pontuaram de 0 a 30; dependente leve 31 a 49 pontos; dependente moderado 50 a 79 e dependente grave 80 a 100. Após essa análise, foi necessário realizar a divisão pelas categorias saliência, uso excessivo, abandono do trabalho, antecipação, falta de controle e abandono da vida social. A análise estatística se orientou por meio de médias e desvios padrão, com auxílio da planilha eletrônica Excel.

Os testes nulos foram assim qualificados pela incompletude dos dados essenciais (idade e/ou sexo), e/ou questões em branco. Tais testes não foram incluídos nos resultados.

## RESULTADOS

Os resultados são apresentados primeiramente segundo a pontuação, que classifica a amostra em: usuários normais, dependentes leves, dependentes moderados e dependentes graves. Em seguida a apresentação é por categorias, onde há uma subdivisão por pontuação de cada item do teste. A próxima apresentação é feita a partir das maiores pontuações (4 ou 5) atribuídas os itens segundo sua categoria, para aumentar a utilidade do instrumento; esta é subdividida em usuários normais, dependentes leves e dependentes moderados. Por último, é apresentada uma ilustração da idade dos dependentes leves e moderados.

### Apresentação por pontuação total

Após a coleta, foram somados os números, que, segundo Young *et al.* (2011), classifica-se como usuário normal os que atingiram uma pontuação de 0 a 30. O dependente leve marca de 31 a 49 pontos. Já o dependente moderado alcança a pontuação de 50 a 79. Por fim, o dependente grave é classificado segundo a pontuação de 80 a 100.

Os sujeitos classificados como usuários normais ocuparam a porcentagem de 54,5% (n = 109), enquanto os dependentes leves ocuparam 27,5% (n = 55), os dependentes moderados 18% (n = 36). Não foi classificado nenhum indivíduo como dependente grave. A Figura 1 a seguir apresenta esses resultados.

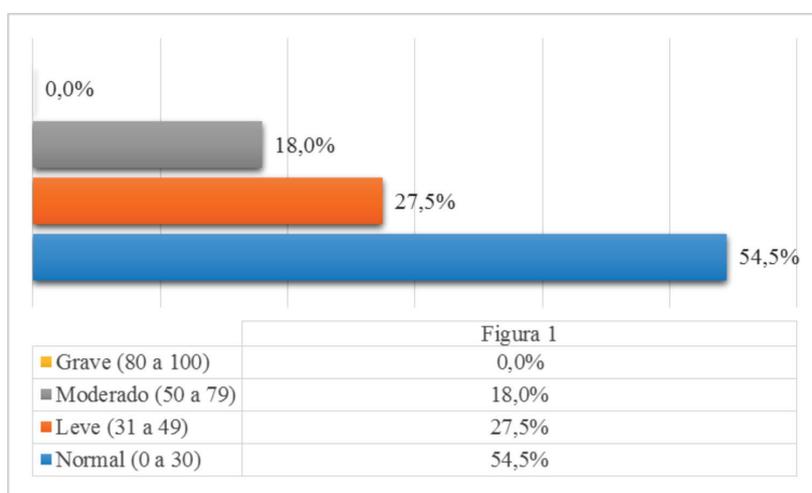


Figura 1 – Classificação dos sujeitos  
Fonte: produção própria da autora.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

## Apresentação por categorias

A análise fatorial do IAT demonstrou a existência de seis domínios: saliência (itens 10, 12, 13, 15, 19), uso excessivo (itens 1, 2, 14, 18, 20), falta de controle (itens 5, 16 e 17), antecipação (itens 7, 11), abandono da vida social (itens 3 e 4) e abandono do trabalho (itens 6, 8, 9) (CONTI, et al. 2012). As apresentações a seguir e suas ilustrações apontam o quão pontuado foi cada questão, separadas pelas categorias acima citadas, sendo que o mínimo é 0 e máximo 100 para cada teste. Considerando o total da amostra (200), cada questão, portanto, terá um mínimo de 0 e o máximo de mil pontos.

### Saliência

A saliência pode ser definida como uma preocupação constante em se conectar. Tal preocupação afeta as emoções e comportamento. Procurou-se, portanto, investigar o quão relevante, manifesto e notório se faz o uso da *internet* na vida das pessoas, por meio dos itens: 10. *Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre sua vida pensando em se conectar para acalmar-se?* 12. *Com que frequência você teme que a vida sem a internet seria chata, vazia e sem graça?* 13. *Com que frequência você explode, grita ou se irrita se alguém o(a) incomoda enquanto está na internet?* 15. *Com que frequência você se sente preocupado(a) com a internet quando está desconectado(a) imaginando que poderia estar conectado(a)?* 19. *Com que frequência você opta por passar mais tempo na internet em vez de sair com outras pessoas?* A Figura 2 demonstra a pontuação máxima (somada dos 200 testes válidos, sendo que a pontuação máxima para cada questão é 1000) vinculada a cada item.

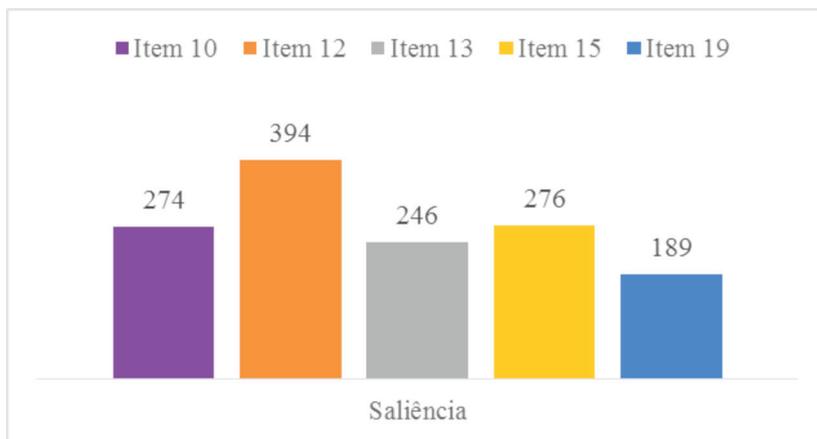


Figura 2 – Pontuação dos itens vinculados à saliência  
 Fonte: produção própria da autora.

## Uso excessivo

A Figura 3 abaixo demonstra as pontuações máximas dos itens que investigam o uso excessivo. Que são: 1. *Com que frequência você acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?* 2. *Com que frequência você abandona as tarefas domésticas para passar mais tempo na internet?* 14. *Com que frequência você dorme pouco por ficar conectado(a) até tarde da noite?* 18. *Com que frequência você tenta esconder a quantidade de tempo em que está na internet?* 20. *Com que frequência você se sente deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando desconectado(a) e esse sentimento vai embora assim que volta a se conectar à internet?* O uso excessivo pode estar associado a uma perda da percepção do tempo ou negligência das necessidades básicas. Dentre os 20 itens, o 1 foi o mais pontuado, indicando que a maioria absoluta dos indivíduos passam mais tempo na *internet* do que gostariam.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
 Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
 no Brasil: realidade ou  
 mito entre os universitários.*  
 Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
 p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

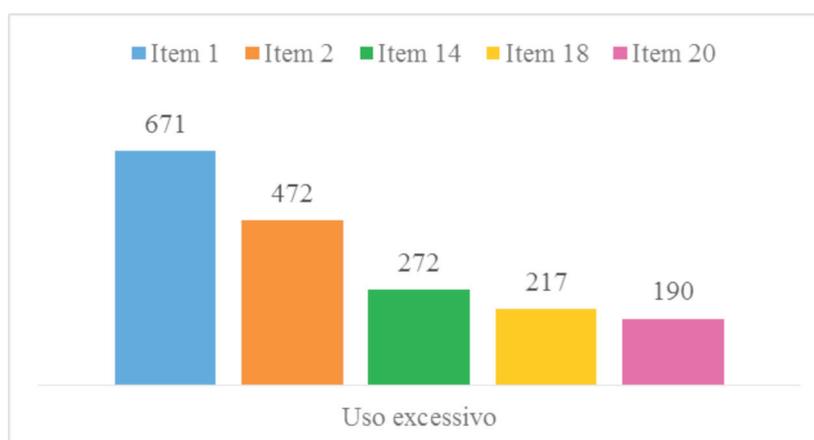


Figura 3 – Pontuação dos itens vinculados ao uso excessivo  
Fonte: produção própria da autora.

## Falta de controle

A falta de controle pode ser entendida quando há tentativas mal sucedidas por parte do indivíduo de controlar, diminuir ou suspender o uso da *internet* e é mensurada pelos itens: 5. *Com que frequência outras pessoas em sua vida se queixam sobre a quantidade de tempo que você passa na internet?* 16. *Com que frequência você se pega dizendo “só mais alguns minutos” quando está conectado(a)?* 17. *Com que frequência você tenta diminuir o tempo que fica na internet e não consegue?* O item mais pontuado, com 403, foi o 16, o que indica que a falta de controle é presente na vida dos indivíduos. Segue a Figura 4 com os dados.

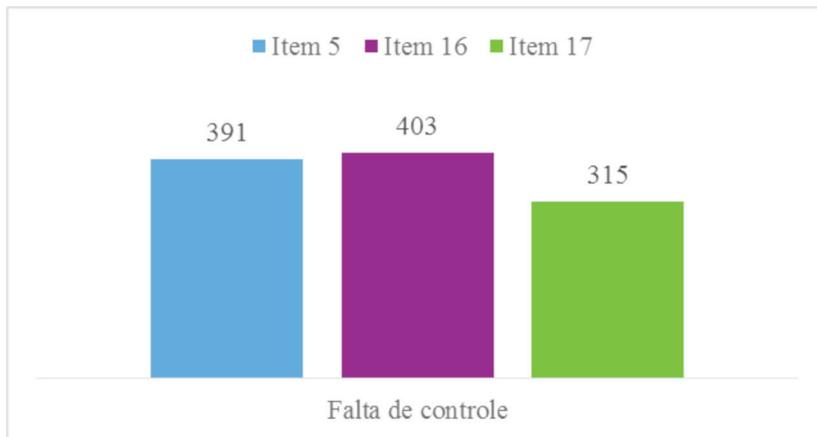


Figura 4 – Pontuação dos itens vinculados à falta de controle  
 Fonte: produção própria da autora.

### Antecipação

A antecipação pode ser entendida como o ato de utilizar a internet antes de quaisquer outras coisas que os indivíduos necessitem fazer e compreende os itens: 7. *Com que frequência você acessa seu e-mail ou redes sociais antes de qualquer outra coisa que precise fazer?* 11. *Com que frequência você se pega pensando em quando vai entrar na internet novamente?* O item 7 obteve a maior pontuação, a Figura 5 ilustra os dados:

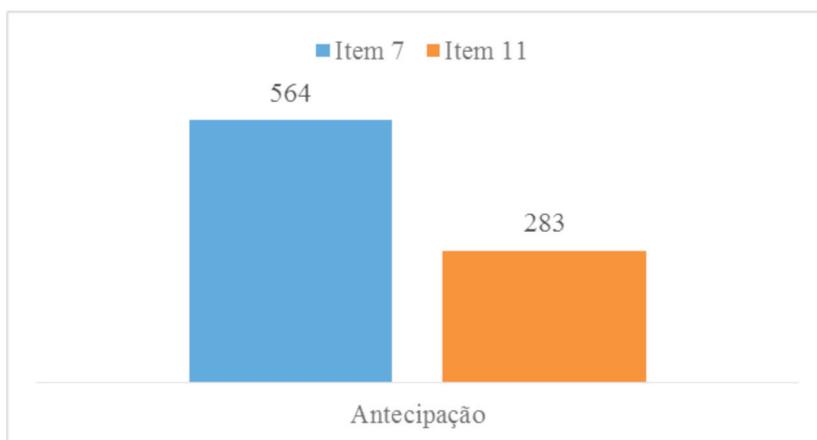


Figura 5 – Pontuação dos itens vinculados à antecipação  
 Fonte: produção própria da autora.

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

## Abandono da vida social

O abandono da vida social abarca os itens: 3. Com que frequência você prefere a emoção da internet à intimidade com seu/sua parceiro(a)? 4. Com que frequência você cria relacionamentos com novo(a)s amigo(a)s da internet? O item 4 obteve maior pontuação, conforme a Figura 6 demonstra:

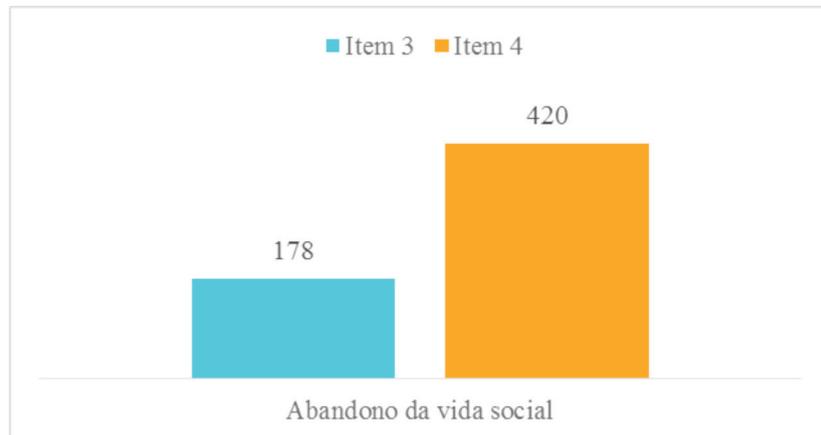


Figura 6 – Pontuação dos itens vinculados ao abandono da vida social  
Fonte: produção própria da autora.

## Abandono do trabalho

O abandono do trabalho compreende os itens: 6. *Com que frequência suas notas ou tarefas da escola pioram por causa da quantidade de tempo que você fica na internet?* 8. *Com que frequência piora o seu desempenho ou produtividade no trabalho por causa da internet?* 9. *Com que frequência você fica na defensiva ou guarda segredo quando alguém lhe pergunta o que você faz na internet?* A Figura 7 demonstra que tais itens foram pouco pontuados, sendo que o 9 foi o que obteve a maior pontuação.

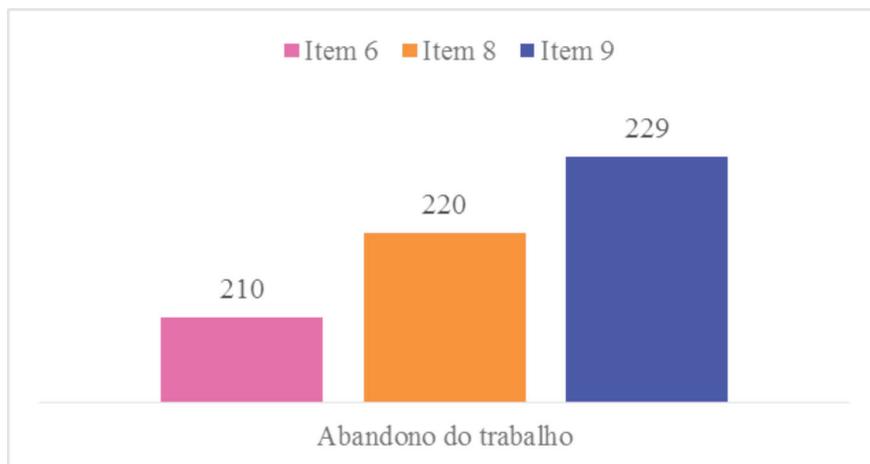


Figura 7 – Pontuação dos itens vinculados ao abandono do trabalho

Fonte: produção própria da autora.

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

## Apresentação por pontuação máxima

Segundo Young (2011), uma vez calculado a pontuação total do sujeito e selecionada a categoria, para aumentar a utilidade do instrumento é necessário avaliar as perguntas as quais respondeu com uma nota de 4 ou 5. O total das porcentagens não é a soma entre masculino e feminino, visto que um usuário pode ter assinalado mais de uma categoria.

### Usuários normais (pontuação de 0 a 30)

A pontuação para usuários normais (0 a 30) alcançou a média de 18,6 (DP = 6,9). A idade média dos sujeitos do sexo feminino é de 24,9 (DP = 6,6), masculino é de 25,7 (DP = 7,5).

Mesmo os sujeitos classificados como usuários normais – 54,5% (n = 109) da amostra (sendo 36,5% do sexo feminino e 18% masculino), assinalaram um ou dois itens com a nota 4 ou 5 do teste (respectivamente frequentemente e sempre).

Na Tabela 1 a seguir são exemplificadas as distribuições, distinguindo os gêneros, conforme as categorias.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
 Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
 no Brasil: realidade ou  
 mito entre os universitários.*  
 Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
 p. 95-140, 2014.

Tabela 1 – Pontuação máxima – sujeitos normais

| CATEGORIAS                     | % Feminino | % Masculino | %TOTAL |
|--------------------------------|------------|-------------|--------|
| <b>Uso excessivo</b>           | 47,9       | 16,6        | 37,6   |
| <b>Antecipação</b>             | 15         | 33,3        | 21     |
| <b>Saliência</b>               | 9,5        | 11,1        | 10     |
| <b>Falta de controle</b>       | 5,4        | 5,5         | 5,4    |
| <b>Abandono da vida social</b> | 1,3        | 8,3         | 3,6    |
| <b>Abandono do trabalho</b>    | 2,7        | 2,7         | 2,7    |

Fonte: produção própria da autora.

A categoria mais apontada foi o uso excessivo, com 37,6%, prevalecendo o gênero feminino, seguido da antecipação, categoria em que homens prevaleceram.

### Dependentes leves (pontuação de 31 a 49)

Do total da amostra, 27,5% (n = 55) pontuaram de 31 a 49, classificando-se como dependentes leves. A idade média das mulheres é de 23,6 (DP = 4,4), dos homens é de 26,6 (DP = 7,8). Desse total, a população feminina somou 17,5% (n = 35) e a masculina 10% (n = 20). A média de pontuação do teste das mulheres foi de 37,8 (DP = 4,5) e dos homens um pouco maior: 40,4 (DP = 4,9). A Tabela 2 demonstra os resultados com marcação máxima por categorias

Tabela 2 – Pontuação máxima – dependentes leves

| CATEGORIAS                     | % Feminino | % Masculino | %TOTAL |
|--------------------------------|------------|-------------|--------|
| <b>Uso excessivo</b>           | 68,5       | 65          | 67,2   |
| <b>Antecipação</b>             | 65,7       | 65          | 65,4   |
| <b>Falta de controle</b>       | 42,8       | 40          | 41,7   |
| <b>Saliência</b>               | 40         | 35          | 37,1   |
| <b>Abandono da vida social</b> | 25,7       | 45          | 32,6   |
| <b>Abandono do trabalho</b>    | 17,1       | 40          | 25,4   |

Fonte: produção própria da autora.

Os dependentes leves atribuem pontuação máxima ao uso excessivo (67,2%), seguido da antecipação (65,4%), falta de controle (41,7%), saliência (37,1%), abandono da vida social (32,6%) e abandono do trabalho (25,4%).

## Dependentes moderados (pontuação de 50 a 79)

Define-se como dependentes moderados aqueles que pontuaram entre 50 a 79 no teste. Esses sujeitos somaram 18% (n = 36) da amostra total e marcaram uma média no teste de 62,6 (DP = 8,5). Essa população foi a única em que o gênero masculino prevaleceu, com 9,5% (n= 19) para 8,5% (n = 17) do sexo feminino. A idade média dos homens é de 24 (DP = 5,6) e das mulheres é de 23,1 (DP = 5).

A Tabela 3 apresenta as porcentagens por categorias pontuadas com as notas máximas do teste dos indivíduos dependentes moderados.

Tabela 3 – Pontuação máxima – dependentes moderados

| <b>CATEGORIAS</b>              | <b>% Feminino</b> | <b>% Masculino</b> | <b>%TOTAL</b> |
|--------------------------------|-------------------|--------------------|---------------|
| <b>Uso excessivo</b>           | 100               | 89,4               | 94,4          |
| <b>Saliência</b>               | 88,2              | 94,7               | 91,6          |
| <b>Falta de controle</b>       | 88,2              | 78,9               | 83,2          |
| <b>Antecipação</b>             | 88,2              | 78,9               | 83,2          |
| <b>Abandono da vida social</b> | 64,7              | 78,9               | 72,1          |
| <b>Abandono do trabalho</b>    | 35,2              | 57,8               | 47,1          |

Fonte: produção própria da autora.

A maioria dos dependentes moderados praticamente atribui notas máximas à todas as categorias, exceto o abandono do trabalho, da qual não deixa de expressar uma quantia razoável de sujeitos (47,1%).

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

## Dependentes por idade

Os sujeitos dependentes (leves e moderados) somaram um total de 45,5% (n = 91) da amostra. A média de idade das mulheres é de 23,4 (DP = 4,6) e dos homens é de 25,2 (DP = 6,8). O Figura 10 a seguir representa, mesmo que sutilmente, que quanto menor a idade, maior é a tendência para a dependência, principalmente para os dependentes do sexo masculino.

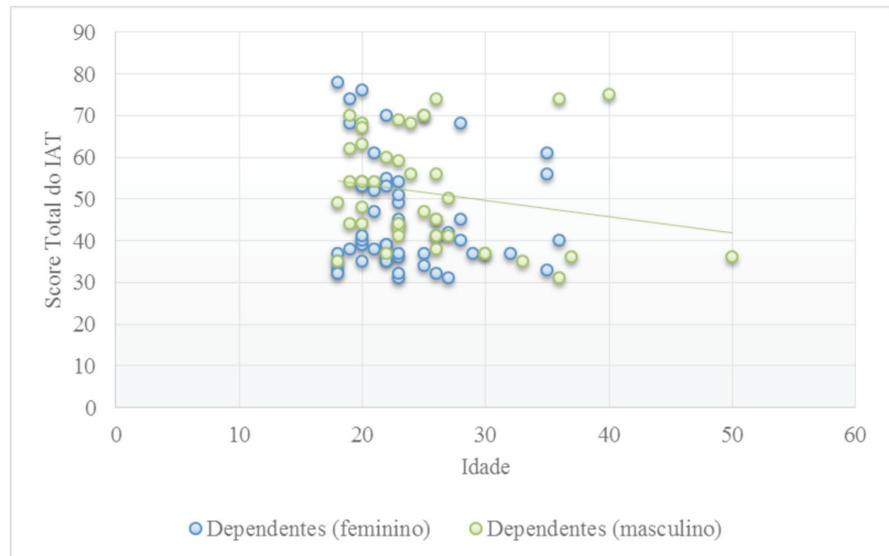


Figura 11 – Idade dos dependentes

## DISCUSSÃO

O objetivo mais amplo deste estudo foi quantificar dentre uma amostra de universitários os que tinham propensão à dependência de *internet* ou mesmo a dependência já instalada.

Nos resultados, a apresentação por pontuação demonstrou que mais da metade da amostra foi classificada como usuários normais. Para Young *et al.* (2011), a maioria dos indivíduos que utiliza a *internet* possui um poder de autocontrole efetivo e facilidade de recuperá-lo quando este é rompido. Além de que, atividades prazerosas que dissipam o humor disfórico se desgastam rapidamente, o que traz à tona o controle desses comportamentos virtuais em demasia.

Segundo Abreu *et al.* (2013) a dependência de *internet* é um fenômeno global, mas a estimativa de obter uma média desses indi-

víduos ainda é muito variada. Isso se dá por conta dos diferentes instrumentos utilizados e diferentes metodologias (*online* ou *in loco*). Existem estudos que indicam 1% até 37% de dependentes por amostra, para contornar tal questão, estipulou-se uma estimativa-padrão de 10% de possíveis dependentes de *internet* (ABREU, *et al.*, 2008).

No presente estudo, foi classificada como dependentes (leves e moderados) 45,5% (n = 91) do total da amostra, uma porcentagem quase quatro vezes maior do que a estimativa-padrão. Uma explicação para essa diferença talvez seja a falta de informação quanto a inclusão de dependentes leves nessa estimativa, visto que as consequências para esses são menores do que para os moderados e graves. Esta pesquisa não classificou nenhum dependente grave, mas 18% foram considerados dependentes moderados, no entanto, ainda assim está quase duas vezes acima do padrão. Portanto, infere-se a possibilidade dessa estimativa não se adequar à população universitária brasileira ou mesmo estar desatualizada, uma vez que já se passaram seis anos de sua determinação.

Dal Cin (2013) em sua pesquisa com estudantes de graduação do curso Tecnologia da Informação em Belo Horizonte, encontrou resultado ainda maior para dependentes, sendo que estudantes respondentes foram identificados em sua maioria como dependentes de *internet* entre os níveis leve (40%), moderado (16%) e grave (7%).

Uma segunda análise foi realizada a partir das seis categorias propostas por Widyanto e McMurrin (2014) em que a análise fatorial do IAT demonstrou: saliência, uso excessivo, falta de controle, antecipação, abandono da vida social e abandono do trabalho. Houve também uma sub análise para cada um dos itens do teste, dos quais foram somadas as pontuações da amostra total e calculada a média por pessoa, em uma escala de 0 a 5. Tais categorias estão intimamente entrelaçadas com os objetivos específicos desse estudo, que foram identificar a falta de controle na utilização da *internet* e sua saliência; quantificar a proporção de indivíduos que utilizam a *internet* excessivamente; analisar a frequência de acessos às redes sociais e sua importância na vida do indivíduo; averiguar se há pensamentos de antecipação ao uso da *internet* e apontar a proporção de indivíduos que acabam abandonando a vida social e o trabalho por conta da *internet*.

A saliência procurou investigar a frequência com que os sujeitos bloqueiam pensamentos perturbadores pensando em se conectar; se temem que a vida sem a *internet* seria chata, vazia e sem graça; se explodem, gritam ou se irritam se alguém incomoda enquanto estão na *internet*; a preocupação com a *internet* quando estão desconecta-

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

dos; se optam por passar mais tempo na *internet* ao invés de sair com outras pessoas.

Para Caplan (2010, *apud* YOUNG *et al.* 2011), à medida que os indivíduos preferem a interação social virtual à face a face, comportamentos problemáticos surgem como sintomas da dependência, como conectar para acalmar-se (item 10), alterações de humor (item 13), manifestar preocupações cognitivas (obsessão) em relação ao uso (itens 12 e 15). A saliência está presente ainda quando os indivíduos utilizam a *internet* para aliviar um estado afetivo disfórico, como ansiedade, solidão ou depressão. De fato, indivíduos que preferem interações sociais virtuais, utilizam a comunicação virtual para regular seu humor e muitas vezes até para amenizar a ansiedade provocada por interações face a face. Segundo suas pesquisas, o mesmo autor concluiu que a preferência por interações sociais virtuais e a regulação do humor facilitam a autorregulação deficiente, se fazendo, portanto, os mais fortes preditores de consequências negativas do uso de *internet*.

A questão 15, particularmente, seria um preditor do tecnoestresse, definido pela vontade incontrolável de estar conectado o tempo todo, gerando uma preocupação excessiva, impedindo até que os sujeitos realizem tarefas rotineiras com devida atenção e concentração. O tecnoestresse ainda pode provocar comportamentos como: estar sempre atento ao toque do celular; desejo que utilizar o celular ou computador em todos os momentos livres, por não saber mais como ficar nenhum momento sozinho, só pensando ou refletindo sobre a vida (SILVA; TING, 2003).

Por meio desta pesquisa, verificou-se que os dependentes moderados frequentemente atribuem o vazio e insignificância da vida sem *internet*. Dentre estes, os homens manifestam mais preocupações e alterações do humor do que as mulheres, bem como preferem ficar mais tempo na *internet* a sair com outras pessoas; mais propensos, portanto, ao tecnoestresse. Verificou-se também que as mulheres utilizam a *internet* para se acalmar mais do que os homens. Segundo Greenfield (2011), o aumento da ansiedade, raiva, depressão, isolamento social e irritabilidade são sintomas de abstinência de internet.

A categoria uso excessivo investigou se o tempo dispensado às atividades virtuais estão de acordo com suas pretensões; se há o abandono de tarefas domésticas; a frequência de troca do sono por essas atividades; se há tentativas de esconder a quantidade de tempo dispensado; a frequência de alterações de humor quando desconectados e retorno da “felicidade” assim que se conectam.

Davis (2001, *apud* YOUNG, *et al.* 2011) e outros estudiosos argumentam que o uso excessivo de *internet* nem sempre é problemático e que não pode se mensurar a dependência levando em consideração a quantia de tempo ou mesmo um padrão comportamental específico. Mas o que se distingue é o uso compulsivo de *internet*: o sujeito não consegue controlar ou regular o próprio comportamento virtual e vai funcionando, segundo Greenfield (2011) em um estado de consciência alterado. Tais comportamentos que levam a resultados negativos, mais se assemelham às consequências de problemas psicossociais mais amplos, como ansiedade ou depressão, do que à causa propriamente dita.

Assim sendo, o uso excessivo, medido pela quantia de tempo passado na *internet* não seria um preditor da dependência, mas sim a função desse uso, como por exemplo gastar horas em jogos de azar, casos amorosos extraconjugais, compras que a pessoa não pode pagar (LAROSE, 2011). Contudo, como grande parte do padrão de uso da *internet* executa-se por via do nível subconsciente, frequentemente existe uma distorção de tempo por parte dos usuários, tanto que, estudos comprovam que 80% dos indivíduos que usam *internet* (não necessariamente dependentes), perdem a noção de tempo e espaço quando estão navegando (SULER, 2004, *apud* GREENFIELD, 2011).

Desse modo, o passatempo pode se tornar na verdade um ladrão do tempo, se o usuário não tiver controle e domínio necessários para administrar seu tempo, distraíndo-se, assim com informações desnecessárias (DAL CIN, 2013).

Esta pesquisa indicou que os indivíduos classificados como dependentes moderados e leves frequentemente ou sempre passam mais tempo na *internet* do que pretendiam. Dependentes moderados do sexo feminino frequentemente abandonam as tarefas domésticas para se dedicar às atividades virtuais e os homens passam mais tempo conectados à noite, em detrimento do sono.

De acordo com Young *et al.* (2011), os primeiros estudos sobre dependência de *internet* revelaram que os padrões de sono dos indivíduos eram rompidos, e eles continuavam acordados durante a madrugada em atividades virtuais, mesmo se tivessem que acordar cedo no dia seguinte. Tal privação de sono provocava grande cansaço, prejudicando o desempenho acadêmico ou profissional.

Outra categoria analisada foi a falta de controle, que investiga a frequência que as pessoas se queixam sobre a quantidade de tempo que o indivíduo passa na *internet*; se pegam dizendo “só mais alguns

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

minutos” quando estão conectados e se tentam diminuir o tempo que ficam na *internet* e não conseguem.

A falta de controle pode ser explicada quando a pessoa tem uma autorreação deficiente, ou seja, apresenta hábitos que estão, nitidamente ligados à sua falta de equilíbrio comportamental. Quando a pessoa está consciente do uso e principalmente da falta de controle sobre suas vontades (item 17), indica que o indivíduo tentou moderar seu comportamento, mas fracassou (LAROSE, 2011).

Segundo Abreu *et al.* (2013), permanecer mais tempo *online* do que o programado, tanto quanto mentir aos outros a respeito da quantidade de horas conectado são alguns dos critérios diagnósticos para a dependência de *internet*.

Averiguou-se, por meio desta pesquisa, que indivíduos dependentes moderados frequentemente postergam a desconexão, cedendo sempre para si, algum tempo a mais conectados, com prevalência do sexo feminino. As pessoas na vida das mulheres dependentes moderadas também se queixam mais frequentemente do tempo que elas dispensam às atividades virtuais. Indivíduos dependentes moderados de ambos os sexos, por vezes, já tentaram diminuir o tempo conectados e falharam.

Segundo Dal Cin (2013), em metade de seus pesquisados (dependentes e não-dependentes) foi constatado que estes perdem a noção do tempo e se distraem muito facilmente quando encontram algo que lhe prenda a atenção na *internet*, acontecendo também de perderem algum compromisso devido a essa falta de percepção temporal.

De acordo com Young *et al.* (2011), dependentes empregam várias racionalizações para minorar a repercussão negativa da *internet* em suas vidas. Racionalizam que seu comportamento de permanecer mais e mais tempo conectados é normal se comparados a outras pessoas, por exemplo. Esse tipo de julgamento distorcido alimenta o comportamento de dependência.

A categoria antecipação mensurou a frequência com que o indivíduo acessa seu *e-mail* ou redes sociais antes de qualquer outra coisa e a frequência de pensamentos de se conectar novamente.

É preciso esclarecer um aspecto que foi alterado na questão 7. No estudo original a questão não contém “ou redes sociais”, investigando somente o acesso antecipado ao *e-mail*. Decidiu-se, portanto, adicionar essa informação, decisão pela qual foi tomada levando em conta várias considerações. Segundo Batista (2011, p. 78) “Uma questão como essa poderia ser indicador de uso excessivo de internet treze anos atrás, época em que o teste foi elaborado, mas no contexto

atual essa atividade perde essa característica de avaliação”. Em sua pesquisa, esse item foi eliminado por ter apresentado um baixo valor de correlação item-total em sua escala.

Segundo Widyanto e McMurrin (2004), poder se comunicar em tempo real, apresentando-se como quiser, ter a capacidade de se tornar íntimo de pessoas na vida virtual, pode se tornar um aditivo para algumas pessoas, enquanto que simplesmente envio e recebimento de *e-mail* não se pode.

No estudo de validação do IAT para a língua alemã, “o item 7 foi a que teve a menor correlação item-total, provavelmente porque este item refere-se a um comportamento comum, que não discrimina pessoas com problemas de internet relatados de indivíduos comuns” (BARKE, NYENHUIS & KRÖNER-HERWIG, 2012, p. 540, tradução minha).

Em um estudo longitudinal com a hipótese de testar se comunicações virtuais eram mais propensas ao uso compulsivo *internet*, constatou-se que as mensagens instantâneas e participação em salas de bate papo são os mais fortes preditores de dependência, sendo que o *e-mail* não teve nenhum efeito (VAN DEN EIJNDEN *et al.*, 2008, *apud* CAPLAN; HIGH, 2011).

Outro motivo do acréscimo é para que se contemple um dos objetivos dessa pesquisa que é analisar a frequência de acessos às redes sociais e sua importância na vida do indivíduo. Existe também a atratividade maior pelo aspecto comunicativo em tempo real pelos dependentes (YOUNG, *et al.*, 2011). As redes sociais oferecem um grande círculo de contatos virtuais, que, aos olhos desses indivíduos, são mais importantes do que a vida social real.

Para Fernández (2013) a perda da privacidade é um fato constatado que acontece meio às pessoas que utilizam as redes sociais, cuja segurança é colocada em risco mesmo sem perceberem. Além disso, o nível de exigência para a convivência é elevado nas redes sociais: Fernández compara as redes sociais às verbenas, festas ao ar livre, tumultuada de pessoas onde os esbarrões e cotoveladas sem intenção geram mais amores e mais brigas.

Esta pesquisa constatou que as mulheres dependentes moderadas e homens dependentes leves frequentemente acessam *e-mail* ou redes sociais antes de tudo o que têm para fazer e que indivíduos dependentes moderados de ambos os sexos, por vezes se pegam pensando quando vão entrar na *internet* novamente.

Antecipar-se na vida virtual significa dar bom dia aos amigos virtuais antes mesmo de fazê-lo àqueles que moram na mesma casa, significa publicar nas redes sociais novidades em primeira mão, an-

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

tes que qualquer pessoa do seu meio real tome conhecimento, significa enfim, que quem está atrás dos outros monitores, não importa a distância, são as pessoas mais importantes na vida do indivíduo.

As últimas categorias analisadas são os abandonos, tanto da vida social como do trabalho. O abandono da vida social foi avaliado pela frequência de preferir a emoção da *internet* à intimidade como parceiro e a frequência com que cria novos relacionamentos na *internet*.

Sherer (1997, *apud* YOUNG, *et al.*, 2011) constatou uma probabilidade 26% maior de universitários dependentes de internet se conectarem com o objetivo de conhecer pessoas *online*. Tais estudantes eram atraídos pelas oportunidades de experiências sociais só disponíveis *online*. Da mesma maneira, outros pesquisadores descobriram que para indivíduos dependentes, o uso de *internet* está voltado às relações interpessoais, como usar salas de bate-papo, jogos interativos, conhecer e conversar com pessoas, com uma frequência definitivamente maior do que para indivíduos não dependentes. De fato, a comunicação virtual está relacionada a um aumento no uso compulsivo (YOUNG, *et al.*, 2011).

Do mesmo modo como ocorre em qualquer uso problemático, existem pessoas que não podem ser consideradas dependentes, porém, adquirem certas dificuldades por falta de atenção. No estudo realizado pela *International Center For Media And The Public Agenda* (2010) com os mil universitários, passadas as 24 horas de interrupção do uso das mídias, alguns foram capazes de aproveitar o dia de folga para estudar, ler livros, manifestando surpresa sobre o quão pode ser produtiva as horas afastadas da mídia. Durante esse dia, relataram mais interações sociais com os amigos, “foram capazes de ver, ouvir e sentir o mundo e se reconectaram com as pessoas e atividades que os faziam felizes (RICH, 2011, p. 42).

Percebeu-se, por meio desta pesquisa, que a maioria dos homens dependentes leves e moderados estão mais propensos a criar novos relacionamentos pela *internet* e que as mulheres dependentes moderadas, por vezes, preferem relacionamentos virtuais aos de seu parceiro. Para Blinka e Smahel (2011), a disposição para a dependência aumenta à medida que as pessoas fazem uma distinção entre as amizades procedentes do mundo virtual com as do mundo real, ou seja, quanto mais a pessoa separa sua vida real da virtual, maior a sua probabilidade para a dependência.

Em sua pesquisa, Dal Cin (2013) constatou que dependentes de internet em seu tempo livre, listaram realizar atividades relacionadas ou totalmente realizadas no meio digital.

Já o item 3 do teste, particularmente, pode ser entendido e analisado segundo um assunto delicado, não somente de preferir atividades *online* às de intimidade com o parceiro, mas como a troca do sexo real pelo virtual. Mesmo parecendo algo fantasioso, bizarro, difícil de acontecer, segundo Young (2007) dependentes de internet usam salas de bate-papo de sexo ou pornografia *online* para substituir a intimidade sexual da vida real com seus parceiros e, muitas vezes, com o passar do tempo, acabam optando apenas pela *internet* para satisfazer suas necessidades sexuais.

Entre as coisas que até pouco tempo atrás eram consideradas futuristas, próprias de ficção, está a estimulação dos sentidos humanos à distância. Além da visão e da audição, basta uma busca pela *internet* para encontrar produtos revolucionários que prometem a transmissão do tato *online*. Podem ser roupas com *bluetooth* que simulam o abraço, objetos que transmitem o movimento e a sensação da língua em um beijo e até roupas íntimas vibratórias controladas pelo *smartphone*. Entende-se, portanto, que a investigação sobre a troca da intimidade real pela virtual é algo valioso, que pode refletir a vivência de grande parte dos usuários de *internet*.

Segundo Greenfield (2011), 80% de dependentes de internet e 43% de não dependentes se sentem menos inibidos quando estão conectados. Tal desinibição confirma a *internet* como um meio psicoativo, com um efeito alterador da consciência e do humor, principalmente quando o conteúdo é de cunho sexual ou referente a jogos.

A última categoria, o abandono do trabalho foi mensurado pela frequência com que notas ou desempenho no trabalho pioram por conta do tempo dispensado à *internet* e a frequência com que o indivíduo guarda segredo sobre suas atividades virtuais.

Segundo Young (1998), experiências com estudantes demonstrou problemas acadêmicos significativos ao navegar por muito tempo em sites irrelevantes, como se envolver em fofocas sala de bate-papo, conversar com amigos e jogar. Os alunos tiveram dificuldade em completar tarefas de casa e estudar para as provas. Muitas vezes esse fator acabou resultando em notas baixas.

Segundo a mesma autora, dependentes relataram problemas significativos relacionados ao trabalho quando usaram a *internet* para uso pessoal. Um exemplo foi uma funcionária de 48 anos de idade de uma empresa administrativa que usou compulsivamente salas de bate-papo durante o horário de trabalho. Em uma tentativa de lidar com o seu “vício”, ela foi encaminhada para uma clínica. O terapeuta, no entanto, não reconheceu a dependência de *internet* como uma doença que

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

necessita de tratamento e rejeitou seu caso. Algumas semanas mais tarde, ela foi demitida do emprego, já que tinha sido constatado que ela passou quase metade seu tempo no trabalho usando a *internet* para tarefas não relacionadas com o trabalho. Um outro exemplo – mas que teve um desfecho diferente, foi de um ex-funcionário da IBM que usava salas de bate-papo durante o expediente. Ele processou a empresa em 5 milhões de dólares por tê-lo demitido ao invés de lhe proporcionar reabilitação (HOLONAN, 2006, *apud* YOUNG *et al.* 2011).

Averiguou-se, por meio desta pesquisa, que essa categoria, a do abandono do trabalho, foi a de menor pontuação, contudo, entendeu-se que os homens dependentes moderados e leves guardam segredo ou ficam na defensiva quando lhe perguntam sobre suas atividades *online* mais do que as mulheres e as mulheres dependentes moderadas acreditam que por vezes, seu rendimento do trabalho piora por conta das atividades virtuais.

No Brasil, um estudo recente realizado com universitários da UNICAMP, procurou medir a dependência do acesso às redes sociais e aplicativos, por meio de extensão de navegadores e aplicativos para *smartphones*. Os resultados comprovaram que os universitários utilizam cerca de 50 a 60% de seu tempo diário para ficar conectados no *Facebook*, uma estimativa de 4 a 5 horas diárias. Além do *Facebook*, aplicativos como *Tinder* e *WhatsApps* são utilizados durante as aulas, prejudicando o rendimento acadêmico, tomando tempo de estudo e desviando a atenção desses usuários durante as aulas (NAGATA, *et al.*, 2014).

Uma análise foi feita a partir das pontuações frequentemente e sempre (4 e 5) atribuídas os itens agrupados por categorias, para aumentar a utilidade do instrumento. Foi subdividido mediante a classificação: indivíduos normais, dependentes leves e dependentes moderados.

Dos sujeitos classificados como usuários normais, quase metade das mulheres atribuíram notas máximas para o uso excessivo e um terço da parte dos homens para a antecipação.

Segundo Young *et al.* (2011), usuários não dependentes passam grande parte de seu tempo utilizando *e-mail* e navegando em sites, enquanto que os dependentes usam aplicativos de comunicação instantânea em demasia.

Os dependentes leves concederam notas máximas ao uso excessivo seguido da antecipação, homem e mulher proporcionalmente. Contudo, o gênero masculino tem maior tendência para o abandono da vida social e abandono do trabalho.

Os sujeitos do sexo masculino dependentes moderados atribuíram notas máximas para o abandono do trabalho e o abandono da vida social em maior proporção do que o gênero feminino, assim como a análise dos dependentes leves; contudo, quase todos conferiram pontuações máximas à saliência, seguida do uso excessivo. Todos os sujeitos do sexo feminino atribuíram notas máximas para o uso excessivo, seguindo com um empate entre saliência, falta de controle e antecipação.

Entende-se que os dependentes de *internet* usam essa tecnologia excessivamente, correlacionando tal fator com a tolerância, ou seja, a necessidade de precisar de doses continuamente maiores da atividade para obter as sensações de prazer como as iniciais. Segundo Greenfield (2011), assim como nas substâncias, na qual o potencial de dependência é aumentado pela rapidez de sua absorção; o rápido acesso e a curta latência entre procurar e encontrar o que se quer na *internet*, também aumentaria seu potencial de dependência. De acordo com o mesmo autor, na *internet*, cruzamos limares estreitos porém fáceis de se atravessar, sendo que, do outro lado, nos deparamos com o conteúdo mais estimulante do mundo. E como por mágica, pensar, imaginar, criar ou desejar algo e com um simples clique deparar-se com a súbita transformação do pensamento em realidade.

Para além da quantidade de uso, a dependência também pode ser compreendida pela forma como abala a vida do indivíduo, aumentando as perturbações em várias áreas da sua vida. De acordo com Blinka e Smahel (2011), usuários só podem ser considerados dependentes se satisfazem os critérios ou apresentam pontuações elevadas nas dimensões: saliência, mudança de humor, tolerância, sintomas de abstinência, conflitos interpessoais e recaída e reinstalação.

Os achados dessa pesquisa mostram que as categorias aqui tão esmiuçadas, vão sendo comprometidas à medida que a dependência aumenta, como por exemplo a moderada (Figura 9), em que se apresenta um comprometimento severo de praticamente todas as áreas necessárias para identificar com veemência o vício. Segundo Caplan (2005, 2006, *apud* LAROSE, 2011) o uso problemático de *internet* inicialmente leva os indivíduos a dar preferência pela interação social virtual, depois ao uso compulsivo e finalmente consequências negativas, como más notas na escola ou problemas no trabalho.

Um outro achado foi que principalmente os sujeitos dependentes moderados do sexo masculino com frequência abandonam o trabalho e a vida social para se entreterem em atividades virtuais, fato que corrobora a bibliografia no que diz respeito à prevalência

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

masculina (74%) em dificuldades associadas à internet (BLINKA; SMAHEL, 2011).

A última análise apresentada nos resultados faz referência às maiores pontuações, mesmo que sutilmente, indicando que quanto menor a idade, maior é a tendência para a dependência, principalmente para os sujeitos do sexo masculino. Esse dado é validado com a pesquisa de Pontes (2013) que verificou uma correlação estatisticamente significativa entre os níveis de dependência de *internet* e as menores idades dos participantes, concluindo ainda, que os alunos do ensino médio apresentaram níveis de dependência mais elevados em comparação aos alunos do ensino universitário. Segundo Blinka e Smahel (2011) a prevalência da dependência em adolescentes é ligeiramente maior (55%) do que em adultos.

Como qualquer outra pesquisa, esta não se absteve de limitações. A primeira delas foi justamente a caracterização da amostra, pela qual, não se pôde realizar um comparativo com estudantes mais jovens, como por exemplo, estudantes do ensino médio. Uma variável importante que deixou de ser investigada foi a relação das atividades *online* mais frequentes pelos participantes, a fim de delinear um perfil mais completo do usuário classificado como dependente. Outra ausência percebida foi a de utilização de mais instrumentos ou medidas que avaliassem a dependência com mais precisão, como entrevistas clínicas, já que alguns dos critérios do IAT podem ser facilmente negados ou ocultados pelo participante, influenciando, assim, a precisão de um diagnóstico.

Compreende-se também que um diagnóstico de dependência de *internet* somente pode ser realizado com precisão após entrevista clínica detalhada, traçando um estado de saúde mental disposto a tal patologia (como uso de álcool e outras drogas), incluindo também investigações provindas do ambiente e o máximo possível sobre os comportamentos do usuário, e não feito apenas pela administração simples e classificação de questionários de diagnóstico. Finalmente, o diagnóstico adequado é importante do ponto de vista da legalidade, à medida que a dependência de *internet* está se tornando mais comum e reconhecida em todo o mundo (FISOUN, 2012; YOUNG *et al.*, 2011).

Contudo, os achados desse estudo contribuirão com a literatura, visto que, nas pesquisas realizadas para auxiliar este estudo, apenas uma foi encontrada no Brasil, mas direcionada a somente um tipo de curso universitário. Averiguou-se também que, com o instrumento disponível, 18% da amostra dos universitários pesquisados

foi classificada como dependentes moderados, uma quantia copiosa em relação aos estudos analisados.

Deveras, à luz desses achados, estudos relacionados deverão ser fomentados, tanto no sentido de investigação, como de prevenção e remediação.

## CONCLUSÃO

A *internet* é hoje uma das tecnologias mais veementes criadas pelo homem e o que se vê, a olhos nus, é que essa tecnologia revoluciona a cada dia a forma com que as pessoas interagem entre si. Sua acessibilidade prospera cada vez mais, tanto que estima-se que daqui a três anos, metade da população projetada no mundo seja composta por usuários de *internet*.

Observa-se também que a forma de comunicação virtual mais utilizada é por meio das redes sociais, firmando-se, portanto, que esse tipo de mídia social tem o poder de aproximar pessoas conhecidas tanto quanto de criar novos laços sociais – dos mais diversos. No entanto, o tempo utilizado nas redes sociais e a vontade de se manter conectado, por vezes se assemelham muito com a dependência de drogas.

A Dependência de *Internet* é um conceito que passou a ser aceito como um transtorno na última década, cujos sinais podem ser mascarados ou justificados, já que se trata de um avanço tecnológico, porém, mesmo que essa dependência não cause lesão estrutural, a seriedade do transtorno reside no desequilíbrio de vida causado aos indivíduos acometidos.

A partir do levantamento bibliográfico realizado para fundamentar essa pesquisa, entendeu-se que a dependência de *internet* é uma realidade em todo o mundo, portanto, essa pesquisa objetivou quantificar dentre uma amostra de universitários os que tenham propensão à dependência de internet ou mesmo a dependência já instalada, além de analisar quais áreas da vida do indivíduo são mais prejudicadas devido ao transtorno.

Para isso, a ferramenta utilizada foi o IAT, elaborado para avaliar quais áreas da vida de um indivíduo pode ser afetada por seu uso excessivo da *internet*. Vários países já validaram o instrumento e a versão utilizada nesse estudo recebeu uma adaptação transcultural em 2012, incluindo sua tradução para a língua portuguesa.

Nos achados dessa pesquisa, foi classificada como dependen-

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

tes (leves e moderados) 45,5% da amostra, uma porcentagem quase quatro vezes maior do que a estimativa-padrão de 10%. Não foi classificado nenhum dependente grave, mas 18% foram considerados dependentes moderados, no entanto, contabilizando esses, ainda assim está quase duas vezes acima do padrão.

Verificou-se que os dependentes moderados frequentemente atribuem o vazio e insignificância da vida sem internet, com os homens manifestando mais preocupações e alterações do humor do que as mulheres, bem como preferindo ficar mais tempo na internet a sair com outras pessoas. Já as mulheres utilizam a internet para se acalmar mais do que os homens. Esses sujeitos frequentemente ou sempre passam mais tempo na internet do que pretendem, sendo que as mulheres frequentemente abandonam as tarefas domésticas para se dedicar às atividades virtuais e os homens passam mais tempo conectados à noite, em detrimento do sono. As mulheres ainda frequentemente postergam a desconexão, cedendo sempre para si, algum tempo à mais conectadas.

Segundo a bibliografia, experiências com estudantes demonstraram problemas acadêmicos significativos ao navegar por muito tempo em sites irrelevantes, cujas consequências incluem dificuldades em completar tarefas de casa e estudar para as provas, além de notas baixas. No Brasil, um estudo recente realizado com universitários da UNICAMP comprovou que os universitários utilizam cerca de 4 a 5 horas diárias conectados no *Facebook*, 60% de seu tempo diário.

Os resultados ainda apresentaram que as maiores pontuações, mesmo que sutilmente, quanto menor a idade, maior é a tendência para a dependência, principalmente para os sujeitos do sexo masculino.

Estudos realizados em outros países corroboram os resultados obtidos com essa pesquisa no que se refere às variáveis sexo e idade, contudo, um dado alarmante encontrado foi a quantidade de dependentes dentre a amostra estudada. É mister reafirmar que a utilização de apenas um instrumento de pesquisa pouco valida ou diagnóstica uma patologia, porém, tem o poder de descortinar formas e caminhos a serem adotados em futuras pesquisas, para que posteriormente, possam contribuir na prevenção e até mesmo com a melhor forma de tratamento da dependência de *internet*.

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. N. et al. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 30, n. 2, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462008000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000200014&lng=en&nrm=iso).

ABREU, C. N. et al. (orgs.) **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BBC BRASIL. **Uso exagerado das ‘telinhas’ pode insensibilizar crianças**. Agosto/ 2014. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140827\\_celularinfantil\\_ebc](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140827_celularinfantil_ebc)..

BARKE, A; NYENHUIS, N; KRÖNER-HERWIG, B. The German version of the internet addiction test: a validation study. **Cyberpsychology, Behavior And Social Networking**. United States, v. 15, n. 10, Oct. 2012. p. 534-542. ISSN: 2152-2723. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23002984>.

BATISTA, J. R. M. **Adição à internet: uma análise de seu significado e de suas relações com a qualidade de vida**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

BERNERS-LEE, T. **Information Management: A Proposal**. 1990. Disponível em: <http://www.w3.org/History/1989/proposal-msw.html>.

BERNERS-LEE, T. **Linked Data**. 2006 Disponível em: <http://www.w3.org/DesignIssues/LinkedData.html>.

BERNERS-LEE, T. **The World Wide Web: Past, Present and Future**. 1996. Disponível em: <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/1996/ppf.html>.

BLINKA, L.; SMAHEL, D. Dependência virtual de role-playing games. In: YOUNG, K.S.; et al. **Dependência de Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

CAPLAN, S. E. Problematic internet use and psychosocial well-being: development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. **Computers in Human Behavior**. Ed. Elsevier. USA. v.18, n. 5, sep. 2002, 553-575. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/psycinfo/2002-18848-006>.

CAPLAN, S. E.; HIGH, A. C. Interação social na internet, bem-estar psicossocial e uso problemático de internet. In: YOUNG, K.S. et al. **Dependência de Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CARR, N. G. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Trad: Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASALEGNO, F. SherryTurkle: fronteiras do real e do virtual. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 1, n. 11, dezembro 1999. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3057/2335>>.

CISCO SYSTEMS. **Forecast Projects Nearly Half the World's Population Will Be Connected to the Internet by 2017**. Califórnia, 2013. Disponível em: <<http://newsroom.cisco.com/press-release-content?type=webcontent&articleId=1197391>>.

COCA-COLA. **Coca-cola social media guard**. Fev./ 2014. (vídeo). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=u3BRY2RF5I#t=87>>.

CONTI, M. A. et al. Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do Internet Addiction Test (IAT). **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v.39, n. 3, 2012. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832012000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832012000300007&lng=en&nrm=iso)>.

DAL CIN, I. C. T. P. **Dependência de internet: um estudo com estudantes e profissionais da área de TI em Belo Horizonte**. (Dissertação de Mestrado). Faculdade Novos Horizontes. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.unihorizontes.br/mestrado2/dependencia-de-internet-um-estudo-com-estudantes-e-profissionais-da-area-de-ti-em-belo-horizonte/>.

DAVIS, R. A. A cognitive behavioral model of pathological internet use. **Computers in Human Behavior**. Ed. Elsevier. USA. v. 17, n. 2, mar/2001. 187-195. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563200000418>>

FISOUN, V. et al. Internet addiction in the island of Hippocrates: the associations between internet abuse and adolescent off-line behaviours. **Child and Adolescent Mental Health**. v. 17, n. 1, 2012, pp. 37-44. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-3588.2011.00605.x/abstract>>.

FATTORI, M. **Protestos e manifestações: redes sociais x mídias tradicionais**. 2013. Disponível em: <<http://www.dp6.com.br/protestos-e-manifestacoes-redes-sociais-x-midias-tradicionais/>>.

FERNÁNDEZ, J. F. Redes sociais, privacidade, uso seguro das tecnologias de informação e comunicação. In: ABREU, C.N. et al. (orgs.) **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FERNÁNDEZ-GUERRERO, I. M. “WhatsAppitis”. **The Lancet**. USA. v. 383, n. 9922, March 2014, p.1040. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(14\)60519-5/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)60519-5/fulltext)>..

GREENFIELD, D. As propriedades de dependência do uso de internet. In: YOUNG, K.S.; et al. **Dependência de Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

IABBRASIL/COSMOPRE. **Brasil conectado – hábitos de consumo de mídia – 2013**. Disponível em: <<http://iabbrasil.net/portal/institucional-iab/indicadores-mercado/>>.

INTERNATIONAL CENTER FOR MEDIA AND THE PUBLIC AGENDA. **The World Unplugged (Internet)**. College Park: University of Maryland, 2010. Disponível em: <<http://theworldunplugged.wordpress.com>>

KOLODNY, C. Como as curtidas no Facebook interferem no seu bem estar. **Info Exame**. Mai/2014. Disponível em: <<http://info.abril.com.br>>

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

[com.br/noticias/ciencia/2014/05/como-as-curtidas-no-facebook-interferem-no-seu-bem-estar.shtml](http://com.br/noticias/ciencia/2014/05/como-as-curtidas-no-facebook-interferem-no-seu-bem-estar.shtml)>.

LAROSE, R. Usos e gratificações da dependência de internet. In: YOUNG, K.S.; et al. **Dependência de Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

NAGATA, E.T. et al. Estudo da dependência tecnológica de jovens universitários. **Revista Ciências do Ambiente On-Line**. v. 10, n. 1, junho/2014. Disponível em: <<http://sistemas.ib.unicamp.br/be310/index.php/be310/article/viewFile/411/332>>.

NETCRAFT. January 2014 Web Server. Survey. 2014. <<http://news.netcraft.com/archives/2014/01/03/january-2014-web-server-survey.html>>.

PONTES, H. O. M. **A dependência à internet: fundamentação empírica, teórica e clínica – da psicologia e psicometria à ciber-psicologia**. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). ISPA – Instituto Universitário Ciências psicológicas, sociais e da vida. Lisboa, 2013.

RICH, M. As mídias e seus efeitos na saúde e no desenvolvimento de crianças e adolescentes: reestruturando a questão da era digital. In: ABREU, C.N. et al. (orgs.) **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ROCHA, C. M. F. As tecnologias, as subjetividades contemporâneas e o (hiper)controle. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza. v. 9, n. 2, jun/2009, p. 575-601. Disponível em: <<http://ojs.unifor.br/index.php/rmes/article/view/1631>>.

SETTI, R.; MATSUURA, S. **Jovens já preferem WhatsApp a Facebook e temem chegada de propagandas após a compra**. O Globo. Fev./ 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/jovens-ja-preferem-whatsapp-facebook-temem-chegada-de-propagandas-apos-compra-11667459>>.

SILVA, E. J. C.; TING, E. Tecnoestresse e o cérebro em desenvolvimento. In: ABREU, C.N. et al. (orgs.) **Vivendo esse mundo digital:**

impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SILVEIRA, S. A. (org.) **Cidadania e redes digitais = Citizenshi-panddigital networks**. 1a ed. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. Livro digital disponível em: <[http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/\\_files/livro.pdf](http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/_files/livro.pdf)>.

SHOSH S.; HILLA M. **Web Junkie**. Documentário. Janeiro/2014. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/video/opinion/100000002657962/chinas-web-junkies.html>>.

WIDYANTO, L.; MCMURRAN, M. The psychometric properties of the internet addiction test. **Cyberpsychology and Behav.USA**. v. 7, n. 4,2004. p. 449-456. Disponível em: <<http://online.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cpb.2004.7.443>>.

YOUNG, K. S.; et al. **Dependência de Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

YOUNG, K. S. Internet addiction:the emergence of a new clinical disorder. **CyberPsychology and Behavior.USA**. v. 1, n. 3, 1998. p. 237-244. Disponível em: <<http://netaddiction.fusionxhost.com/articles/newdisorder.pdf>>.

YOUNG, K. S. Psychology of use computer: xl. addictive use of the internet – a case that breaks the stereotype. **Psychological Reports. USA**. v. 79, n. 3, 1996. p. 899-902. Disponível em: <<http://www.netaddiction.com/articles/stereotype.pdf>>.

YOUNG, K. S. **What Makes the Internet Addictive: Potential Explanations for Pathological Internet Use**. In: 105th annual conference of the American Psychological Association, 1997, Chicago, USA. Anais.Chicago, USA, 1997.

YOUNG, K. S. Treatment Outcomes with Internet Addicts. **CyberPsychology&Behavior. USA**. v. 10, n. 5, 2007. Disponível em: <<http://netadicction.com/articles/Treatment.pdf>>..

OLIVEIRA, Fabrícia de; Pasqualini, Kele Cristina. *Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários*. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLIVEIRA, Fabrícia de;  
Pasqualini, Kele Cristina.  
*Os dependentes de internet  
no Brasil: realidade ou  
mito entre os universitários.*  
Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1,  
p. 95-140, 2014.

ZACHARIAS, J. (org.). Serviços de orientação psicológica mediados por computador, desenvolvidos pelo NPPI – núcleo de pesquisa da psicologia em informática da clínica psicológica da PUC – SP. In: **Psicologia e informática: desenvolvimento e progresso.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

